

A PARTICIPAÇÃO DO INTERLOCUTOR NA CONSTRUÇÃO DO TÓPICO CONVERSACIONAL DENTRO DAS MODALIDADES SIMÉTRICA E ASSIMÉTRICA

*Marilucia Oliveira**
Universidade Federal do Pará

- RESUMO: *Este trabalho apresenta considerações sobre a participação dos interlocutores na construção do tópico, considerando-se as modalidades de simetria e assimetria, os tipos de turno, estratégias de gestão e de sustentação do turno. Nele utilizamos alguns trechos de diálogos entre dois informantes (D2) que foram extraídos dos inquéritos de n.º 062 e 343 publicados em Castilho & Preti (1987). Os trechos desse inquérito foram também utilizados por Galembeck¹ no texto o turno Conversacional. O nosso objetivo não é fazer uma análise minuciosa de marcadores ou do turno conversacional, mas retomar a análise feita pelo autor e reutilizar os trechos, por ele usados, para mostrar como o uso do turno interfere no nível de participação dos interlocutores durante a construção do tópico conversacional.*
- PALAVRAS-CHAVE: *Turno Conversacional; Simetria; Assimetria; Tópico.*
- ABSTRACT:
- KEY WORDS:

1 INTRODUÇÃO

Para Galembeck (1995) tratar das modalidades e procedimentos relacionados ao turno conversacional demanda uma discussão sobre o tópico, pois a situação em que se encontram os interlocutores, assim como o tipo e função do turno vão ser avalia-

* Mestranda do curso de pós-graduação da UFPÁ.

¹ Cf. Preti *et al.*, 1995, p. 55-79.

dos em relação ao nível de contribuição dos falantes para o desenvolvimento *daquilo de que se está falando*.

A relação entre *tópico* e *turno conversacional* é extremamente pertinente, já que as formas de participação dos interlocutores para a construção do tópico dependem também da atuação e estratégias utilizadas pelos falantes quando da troca de turnos. Além disso, o tipo de modalidade *simétrica* ou *assimétrica* vai ser responsável pela maneira como o tópico vai sendo instaurado e desenvolvido.

A instauração, desenvolvimento, manutenção ou mudança de um tópico é resultado da atuação e colaboração entre os participantes de uma conversação, que alternam papéis cuja função aponta o nível de participação de cada interlocutor, bem como sua contribuição no desenvolvimento do tópico conversacional, que vai apontar a situação de simetria e assimetria em que se encontram os interlocutores. A assimetria dentro da conversação restringe a participação de um dos participantes, interferindo na função, tipos, gestão e passagem de turnos e, conseqüentemente, na maneira de como se dará a construção do tópico. A simetria, ao contrário, caracteriza-se pela igualdade no nível de participação dos falantes.

2 O TÓPICO NA SIMETRIA E NA ASSIMETRIA

O tópico, segundo Brown & Yule (1983, p. 73) é *aquilo acerca do que se está falando* e se constitui para Jubran (1992, p.37) *um processo orgânico que, para se instaurar, necessita de colaboração daqueles que constroem a conversação*. Sendo assim, entende-se que a edificação e estabelecimento de um tópico é responsabilidade dos participantes de uma conversação que lhe vão instaurando ao longo do diálogo. Essa instauração e desenvolvi-

mento, por sua vez, faz identificar o conhecimento de mundo dos participantes de uma conversação, e possibilita verificar se esses conhecimentos são partilhados por ambos, ou se há entre esses participantes, conhecimentos distintos que vão se efetivando num processo solidário e esforço recíproco.

A distribuição de turnos dentro de uma conversação é muito importante para a construção do tópico, visto que este é produto da colaboração entre os interlocutores de uma interação verbal que o vão construindo de forma dinâmica, alternando os papéis, assumindo ora a posição de falante, ora a posição de ouvinte. Essa alternância não é um procedimento pré-fixado dentro da conversação. Na verdade, é dentro do processo conversacional que se vão organizando as falas dos participantes, que, às vezes independentemente de marcas formais, vão inferindo sobre o lugar da alternância de papéis, que, e por diversos fatores, não são desempenhados de forma semelhante, havendo entre eles, em algumas situações, uma discrepância significativa no que se refere ao número de ocorrência de turnos nucleares, à sua contribuição para o desenvolvimento do assunto de que se está falando.

Em certos diálogos, é possível perceber que alguns falantes praticamente dominam a conversação. Ou por serem os que mais usam a palavra, emitindo constantemente informações a respeito do que se está falando, deixando ao outro apenas a possibilidade de confirmar ou concordar com o que está sendo dito; ou falando mais vezes, inclusive criando formas de assegurar o silêncio do outro participante; ou aproveitando brechas para tomar-lhe a palavra; ou mesmo tomando-a sem que haja *brechas*.

A conversação pode se dar de forma *simétrica* ou *assimétrica*. A instauração de uma dessas modalidades conversacionais vai interferir diretamente na forma como cada participante da conversação irá contribuir na instauração e construção do tópico con-

versacional. Vai, por outro lado, apontar para distribuição e função dos turnos.

A *conversação simétrica* se caracteriza pela atuação, participação ativa dos interlocutores dentro de uma conversação. Para tal, é necessário que ambos tenham conhecimento do tema discutido, a fim de que ambos possam dar contribuição ao andamento do diálogo conversacional. Assim, como diz Galembeck (1995) *é imprescindível que entre os interlocutores de uma conversação haja um tópico comum*, sob pena de que a construção do tópico, caso um dos interlocutores não o reconheça, seja penosa e sua progressão seja mais lenta e menos atrativa do que deveria ser, caso houvesse a participação ativa dos dois interlocutores. Daí, a importância da troca de papéis dentro da conversação, pois essa alternância vai fazer com que gradativamente os interlocutores de um diálogo colaborem, num processo de cumplicidade, instaurando o tópico, criando *requisitos mínimos* que garantem sua identificação.

- L2 nós entramos ali no:...naquele arroz unido venceremos((risos))...um dia ele sai da colher outro dia não sai...((risos)) é fogo...(entende?) ((risos)) (se bem que ainda é:: bom...)
- L2 dizem né? você vê dentro da profissão do vendedor... a coisa mais difícil é você realmente manter o indivíduo... éh Oito horas em contato direto com os clientes...uma coisa:...realmente difícil... então a gente inclusive:... pede que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo?... e procure almoçar... no seu território de trabalho... por ali mesmo em vez de Ter que se deslocar de um território de trabalho para sua ca::sa...

(inq.062, linhas 227-239)

O trecho apresentado acima exemplifica uma conversação simétrica entre dois indivíduos que participam ativamente da cons-

trução do tópico conversacional. Observa-se aqui que ambos vão instaurando o tópico de forma simétrica, ou seja, cada qual contribui de forma referencial na sua construção. Tanto L1 quanto L2 apresentam trechos de caráter referencial ao *trabalho do vendedor*, não se percebendo, assim, entre eles, assimetria, mas falas referenciais que se configuram formas de participação nítida na confecção do tópico. Sendo a fala de um e de outro caracterizadoras de participação que contribui para o desenvolvimento do tópico.

Na conversação assimétrica, diferentemente da conversação simétrica, o nível de participação dos interlocutores é diferenciado. Geralmente um participante assume turnos nucleares (L1), que são responsáveis pelo desenvolvimento do tópico, enquanto o outro utiliza turnos inseridos (L2), que, geralmente confirmam, repetem a fala de quem desenvolve o tópico. Um exemplo de conversação assimétrica, bem como de turno nuclear e inserido é verificado abaixo:

- L1 ((pigarreou)) veja o que está acontecendo...por incrível que pareça há falta de doutores hoje... por quê? Por que a tendência é acabar o curso...e muito dificilmente um vai sair para a pesquisa...para estudar para defender uma tese
- L2 (defender) uma tese
(inq.062, linhas 8-2-807)

3 O TÓPICO NA GESTÃO, PASSAGEM E SUSTENTAÇÃO DO TURNO

O turno conversacional é, segundo Galembeck (1995), componente da Análise conversacional que está intimamente ligada às *várias situações em que os membros de um grupo se alternam*. Durante a conversação, é comum e sadio que os interlocuto-

res de uma conversação troquem de papéis, assumindo, cada um deles, ora o papel de falante, ora o papel de ouvinte. Essa alternância assume fundamental importância numa conversação, pois caracteriza a participação dos interlocutores de um diálogo, e o direito à voz. Entretanto, muitas vezes, essa troca de papéis não se dá de forma tão pacífica, fluida e *polida*, pois em alguns momentos os participantes de uma conversação falam simultaneamente, como se disputassem o turno, tentando sobrepor suas idéias mesmo que alguns critérios de polidez sejam *violados*.

Cabe ressaltar, ainda, que, mesmo que se identifique num determinado diálogo a troca de turnos, isso não significa que os participantes estejam construindo o tópico utilizando igual forma de participação, pois pode acontecer de, em uma determinada conversação, os turnos se alternarem, mas a intervenção de um dos participantes pode vir a ser mais efetiva, quando ele sustenta o turno mais tempo do que o outro, por exemplo, que pode, por sua vez, constituir-se um falante que atue como um espécie de “vigia” “seguidor” da fala daquele que desenvolve o tópico. Sendo assim, o número de turnos de um falante não caracteriza a participação ativa na confecção do tópico, já que dois interlocutores podem apresentar o mesmo número de turnos numa conversação, mas um deles pode constituir-se em um participante que assume turnos inseridos,² pouco relevantes para a construção do tópico.

Para Saks, Schegloff & Jefferson (1974), a passagem do turno é resposta à solicitação do ouvinte, que pode fazê-la explícita ou implicitamente, e surge da percepção do que ouve, ou seja, ele percebe que *chegou no ponto em que lhe cabe tomar o tópico conversacional (assunto tratado) por meio de um turno nuclear* (Galembeck, 1995). Esse ponto para os autores acima são os L-RTs (lugares relevantes para a transição). Isso significa que os par-

² Não se quer dizer com isso que todos os turnos inseridos não contribuem para a construção do tópico. Excetue-se os interacionais

ticipantes de uma conversação podem intuir sobre o momento de tomar a palavra (passagem consentida), passar o turno durante uma conversação (passagem requerida). Tanto o ouvinte quanto o falante conseguem, quando da construção da interlocução, perceber a necessidade de colaborar com a construção do tópico e de, enquanto falante, ceder o lugar para que o outro intervenha e, na posição de ouvinte, inferir sobre o momento de assumir o turno.

Vale ressaltar que mesmo que essa intervenção sirva apenas para confirmar o que está sendo dito, ela se constitui um turno. O que é muito comum na conversação assimétrica.

Mas retomando a percepção da qual se falou acima, é importante dizer que ela nem sempre desencadeia a cessão de turno ao outro. Em algumas situações, mesmo quando se percebe que o ouvinte quer falar, não se lhe cede a palavra. Principalmente se aí há uma relação de hierarquia, poder, por exemplo, nos quais o detentor dos tais se sente no direito de dirigir, apontar o curso do diálogo e de fazer o outro ouvir, utilizando procedimentos que lhe assegurem o turno.

4 O TÓPICO E O ASSALTO AO TURNO

Não é raro acontecer dentro de uma conversação o *assalto ao turno*, que é uma espécie de invasão do turno do falante, que se dá quando o ouvinte detecta o *lugar relevante para transição* do turno que pode se apresentar de forma explícita ou implícita. O *assalto com deixa*, uma das modalidades do assalto do turno é, na verdade, um procedimento do ouvinte que se caracteriza pela habilidade em aproveitar-se de uma sutil brecha deixada pelo falante durante a gestão do turno. No exemplo abaixo a pausa (mas::...) se configura uma “deixa”:

- L1 (...) mas chegar uma hora digamos que... que tem quase tudo se fazendo por computador então o cara aprende como fazer mas:....
- L2 mas você acha que dá? acho que algumas coisas dá...

(inq.343, linhas 888-891)

Já o *assalto sem deixa* parece, *a priori*, configurar-se uma total “transgressão às regras de polidez”, já que nem sequer brechas são deixadas pelo falante, que tem seu turno “roubado” durante sua fala. Os dois tipos de assaltos resultam na sobreposição de vozes. Mas talvez aquele que se dá com *deixa* favoreça o menor tempo de sobreposição, visto que, geralmente, nesse tipo de assalto o ouvinte se aproveita de uma fala que já é mais lenta, por isso, mais fácil de ser freada. Entretanto, isso é relativo, pois pode ser que o assalto se dê muito rapidamente, e o falante que sofreu tentativa de assalto de turno, proceda à sua fala, sem necessidade de freá-la, ou esteja disposto a “defender a todo custo” o seu turno. O trecho abaixo é exemplo de um assalto de turno sem “deixa”, pois corresponde a uma intervenção brusca que causa inclusive sobreposição de vozes:

- L2 (...)o dia
Que você estiver chateado o dia estiver muito bonito você pode pegar seu carro e; dar uma descolada para o litoral e tal
- L1 [é mas seria difícil né?
Que você para subsistência você
- L2 [um dia chuvoso
- L1 você precisa trabalhar bastante

(inq. 062, linhas 270-277)

Mas retomemos o assalto do *turno sem deixa*, relacionando-o à “transgressão das regras de polidez”, que pode ser, na verdade, uma contribuição extremamente rica para a construção do tópico se considerarmos que essa brusca interrupção não significa exatamente uma violação, considerando-se o dinamismo da conversação. O “fala um por vez” não raro é desconsiderado dentro de uma conversação. Assim, é comum nos depararmos com a sobreposição de vozes que, ao contrário de ser uma violação das regras de polidez, assinala o uso do turno, por parte do interlocutor que assalta, para construir, em colaboração com o que gesta o turno, apresentando ponto de vista contrário ou a favor, ao desenvolvimento do tópico. *É que, geralmente, as falas simultâneas indicam antes o desejo de participar, o envolvimento na construção de uma tarefa comum* (Galembeck, 1995).

5 CONCLUSÃO

Os procedimentos de troca de turno dentro de uma conversação, bem como sua tipologia, função, gestão e sustentação vão indicar o nível de participação dos interlocutores na construção do tópico conversacional, que pode ser construído numa conversação simétrica, na qual os participantes são igualmente efetivos, participando ambos com turnos nucleares, que dizem respeito ao referente; ou na assimétrica, em que um dos participantes desenvolve o tópico, enquanto o outro apenas lhe monitora, confirma, segue, utilizando turnos inseridos. Essa forma diferente de participação no desenvolvimento do tópico não quer dizer que não houve colaboração entre os interlocutores da conversação, mas

sim, que um deles apresentou desempenho mais efetivo para essa construção, inclusive, expondo mais seu ponto de vista.

A alternância de papéis dentro da conversação aponta para a cumplicidade entre os interlocutores, que são capazes de dar continuidade ao tópico quando tomam a palavra, revelando o caráter contínuo dos procedimentos de troca de turno. Longe de ser uma parada, a sutil pausa do falante que se torna ouvinte é um lugar de transição entre a fala dos participantes e ratifica que a conversação não é *um aleatório de enunciados*, nem quando se trata do assalto ao turno e da sobreposição de vozes, que muito contribuem para o desenvolvimento tópico, embora, aparentemente desrespeitando algumas regras de polidez.

A conversação, ao contrário de ser um processo aleatório, é sobretudo, um processo extremamente animado, cuja dinamicidade não empobrece ou subtrai a sintonia entre seus participantes, que jogam este jogo animado, obedecendo a regras, mesmo quando parecem transgressores. Além disso, falar adequadamente não é exatamente obedecer a regras, ao certo de um outro contexto de comunicação que não se aplica à modalidade falada e mais especificamente à conversação. Também não é verdade que os caminhos enviesados não levam a um objetivo comum ou a lugar nenhum: se “Deus escreve certo por linhas tortas”, os homens podem falar “certo” por meio procedimentos aparentemente “tortos”.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOCH, Ingedore *et al.* (Orgs). *Tópicos em Lingüística de Análise de Textos e Análise da Conversação*. Natal: EDUFRN, 1997.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Repetição em diálogos: Análise funcional da conversação*. Niterói: EDUFF, 1998.
- PRETI, Dino *et al.* (orgs.). *Estudos de língua falada — variação e confrontos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1987.
- _____. *Análises de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.